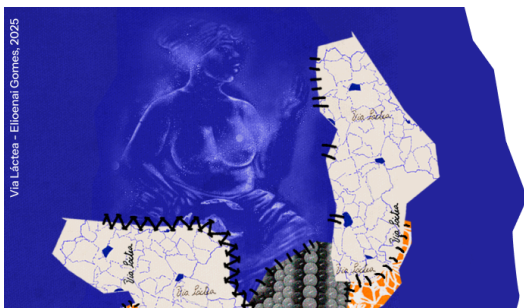




## EXISTÊNCIA DO CORPO: UM ESTUDO DE CASO DE AÇÕES DE PERFORMANCE NO ENSINO FUNDAMENTAL I

### EXISTENCE OF THE BODY: A CASE STUDY OF PERFORMANCE ACTIONS IN ELEMENTARY EDUCATION I

Ana Lúcia dos Santos Ribeiro<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pará

**Resumo:** A presente pesquisa pretende contribuir com os processos de docência em Artes Visuais, com enfoque no estudo do corpo no exercício da performance na educação básica, especificamente no ensino fundamental I. Também reflete sobre questões de subversão, ação do corpo e processos de ensino e aprendizagem. A pesquisa apoia-se em referenciais como Cecília Salles, Renato Cohen, Ana Mae Barbosa, John Dewey e Bondía Larrosa. Metodologicamente, adota o Estudo de Caso, valendo-se da observação participante, entrevistas e análise documental. Os resultados apontam para a potência do corpo como ferramenta pedagógica e artística, permitindo que as crianças ampliem sua sensibilidade, autonomia e criticidade.

**Palavras-chave:** arte; corpo; experiência; infância; performance.

**Abstract:** This research aims to contribute to the teaching processes in Visual Arts, focusing on the study of the body in the practice of performance in basic education, specifically in elementary school I. It also reflects on issues of subversion, body action, and teaching and learning processes. The research is based on references such as Cecília Salles, Renato Cohen, Ana Mae Barbosa, John Dewey, and Bondía Larrosa. Methodologically, it adopts the Case Study, using participant observation, interviews, and document analysis. The results point to the potential of the body as a pedagogical and artistic tool, allowing children to expand their sensitivity, autonomy, and criticality.

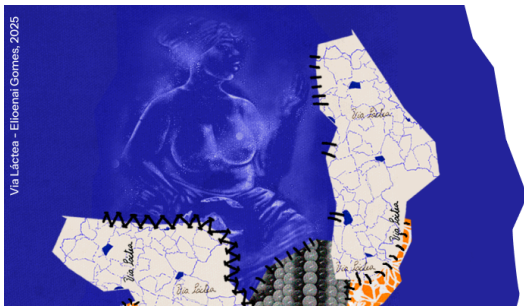
**Keywords:** art; body; experience; childhood; performance.

## 1. INTRODUÇÃO

A arte da performance, cujo apogeu se deu nos anos 1970 e 1980, continua viva: vale-se da imagem sem necessariamente ser artes visuais; vive do corpo, de seus gestos e movimentos sem ser propriamente dança nem teatro; opera sonoridades sem ser música. A performance é uma linguagem híbrida que se alimenta das outras para existir em sua utopia.

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (2017). Professora da rede pública do Pará desde 2019, com experiência em arte-educação, ilustração, performance e audiovisual. Atuou em curadoria no Sesc Boulevard e realizou produções autorais em artes visuais e projetos audiovisuais.



O corpo é muito mais que uma estrutura física que desempenha papéis básicos no cotidiano, nele podemos expressar (através de gestos, movimentos, sons, cheiros etc.) vários aspectos do que somos e de como somos. Dentro da estrutura social, que nos é imposta desde o nascimento, somos divididos por sexo, classe social, etnia e tantas outras definições que são possíveis graças aos nossos corpos.

O processo de criação artístico é extremamente singular. Cada artista inicia sua criação a partir do que lhe é mais latente. Essa dinâmica que se assemelha a de uma *colcha de retalhos*<sup>2</sup>, faz parte dos meus processos de percepção/criação como artista e educadora.

Pensar os corpos dos meus alunos do ensino fundamental I (que durante a realização da pesquisa tinham entre 7 e 9 anos de idade), dentro do contexto escolar, para além das dinâmicas convencionais (organização em filas, afastamento entre professor e aluno no espaço da sala, repreensão de qualquer movimento considerado “padrão” a níveis de comportamento), é sobretudo um ato político.

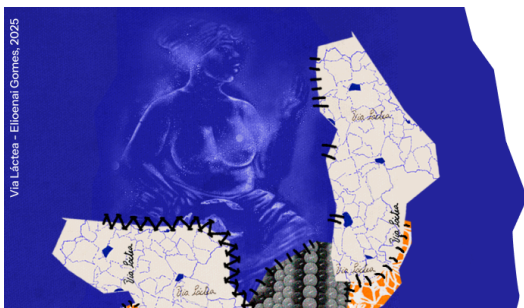
Quando resolvo pesquisar a performance na sala de aula, é justamente com o intuito de pensar as possibilidades do corpo naquele ambiente. Proponho performances com o intuito de expandir criativamente o sentido de aprendizado, pois aprendemos também através do sentir<sup>3</sup>. Essa observação do “sentir através do corpo” se inicia através da observação do meu próprio corpo e segue a partir de minhas percepções dos corpos de meus alunos.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental e Médio Fé em Deus, no ano de 2024, com a turma do primeiro ano do ensino fundamental I, da qual era professora do componente curricular arte. Deste modo, entendendo que o processo de experimentação performática infantil se inicia a partir da compreensão do espaço em que essa criança habita. É um processo individual, mas também coletivo. De onde vem meus alunos? Quais as suas raízes ancestrais? Com que liberdade podem explorar seus corpos enquanto criação artística?

---

<sup>2</sup> A expressão “colcha de retalhos” é utilizada por Cecília Almeida Salles em *Gesto inacabado: processo de criação artística* (2006, p. 27), quando descreve o material de seu *corpus* de pesquisa e faz a analogia à colcha de retalhos para explicar a montagem dos fragmentos do processo criativo.

<sup>3</sup> Aqui utilizo a palavra “sentir” no sentido de experienciar.



A partir dessas perguntas, meu objetivo geral foi construir ações de performances de arte, em sala de aula, que permitiram direcionar os alunos a compreenderem mais de si mesmos, através dos processos artísticos. Dentre os objetivos específicos estão: contextualizar para os alunos o que é uma obra de arte; apresentar artistas que trabalham suas poéticas nas obras, de modo a trazer possíveis questionamentos; e produzir ações de performances em sala com alunos e fazer o registro dessas ações.

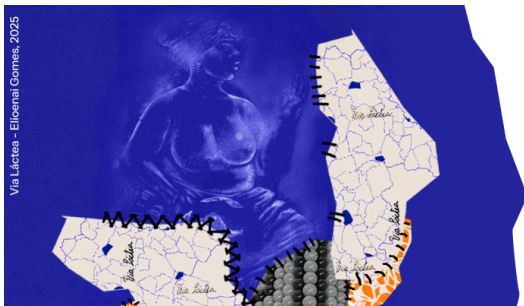
Apropriando-me da abordagem triangular sistematizada pela professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa (2010) desenvolvo experiências<sup>4</sup> em sala de aula por meio dos três eixos: ler, fazer e contextualizar, de modo que os alunos, em um primeiro momento, entrem em contato com as obras dos artistas por mim selecionados, para posteriormente desenvolverem suas próprias interpretações a respeito das mesmas.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Fui fazendo e refazendo o caminho tantas vezes que já não lembro com exatidão como era no início de tudo. Só sei o que é agora. Nunca me imaginei professora, nem nas brincadeiras de infância. Era cantora, pintora e artista de um modo geral. Então me vi em uma sala cheia de crianças e com o sonho de ser artista ainda no peito. E foi no chão da sala de aula que me descobri artista do improviso. Eu performo do segundo em que entro na sala, até o momento de dizer adeus. Entendo a performance não como uma forma de atuação, afinal não sou outra em nenhum momento, mas sim como um estado de alteração de quem sou. A voz se projeta. O corpo se expande. A atenção entra em foco. É uma performance que os convido a participar. E essa performance depende essencialmente de cada um deles.

---

<sup>4</sup> Nesse caso, o termo experiência está relacionado à noção teorizada por Bondia Larrosa (2002, p. 25): “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”.



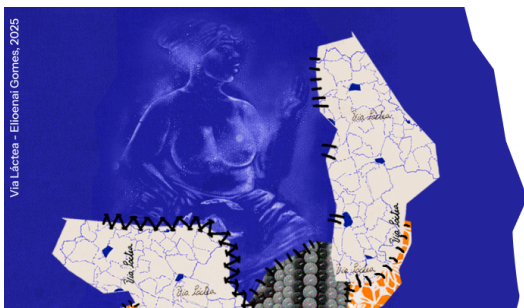
Entendo a educação como uma construção coletiva, rica de sentidos, que necessita essencialmente da junção com o outro para tornar-se efetiva. Quando falamos de arte nesse contexto, não podemos deixar de incluir a compreensão e expressão de sentimentos nesse processo.

Não existe arte sem sentimento. O sentir é parte essencial do processo de criação artística. Ao analisarmos a história da arte, observamos desenhos, pinturas, esculturas, composições musicais, peças de teatro, filmes e performances, que reproduzem os mais diversos sentimentos humanos: Dor, raiva, amor, paixão, medo, loucura, solidão, alegria... poderíamos eleger várias obras de arte que representam cada um desses, e de muitos outros, sentimentos.

O artista nada mais é do que aquele que, ao vivenciar as mais diversas experiências sentimentais humanas, a reproduz segundo sua ótica através de uma expressão artística. Concordando com Eco (2004, p. 91-92): “[...] o autor deseja que se frua de modo sempre diverso uma mensagem que por si só (e graças à forma que realizou) é plurívoca [...]”.

Compreender esse processo de criação artística, é fundamental para o experienciar no contexto de sala de aula, em especial com crianças, de modo que os processos de desenvolvimento das ações de performances seguem a seguinte ordem: Com base na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, desenvolvo as ações de performance com as crianças no contexto de sala de aula, seguindo a ordem apresentada acima. Assim, torna-se relevante saber que: “A Abordagem Triangular não serve para quem quer um manual, nem tem caráter prescritivo. Requer o espírito livre, a disciplina investigativa e a disposição corajosa para perceber o que se anuncia ao longo dos passos no caminho [...]” (Machado, 2010, p. 79).

No primeiro momento apresentei às crianças as obras de arte, selecionadas por mim, que teve o intuito de ser o ponto de partida para as percepções individuais dos educandos. Em seguida, iniciei o processo de escuta atenta de suas percepções, pontos de vista e relatos pessoais. Por fim, as crianças foram convidadas a participar das performances no espaço de sala de aula. Ao todo a



pesquisa *in loco*, foi desenvolvida em um semestre letivo, totalizando seis aulas de 45 minutos cada, divididas da seguinte maneira:

## 2.1 OLHAR E COMPREENDER - A NOITE ESTRELADA DE VAN GOGH

Desde a sua criação, "A Noite Estrelada" tem sido objeto de estudo e interpretação por parte de críticos, historiadores da arte e educadores. A obra retrata um céu noturno vibrante, onde as estrelas e a lua iluminam uma pequena vila, tudo isso envolto em um turbilhão de emoções, cores e formas que refletem o estado mental de Van Gogh. Esse aspecto emocional da obra é fundamental para o desenvolvimento artístico das crianças, uma vez que introduz o conceito de que a arte pode ser uma forma de expressar sentimentos e experiências pessoais. Essa comunicação através da imagem é fundamental para o desenvolvimento da empatia e da autoconsciência das crianças.

O uso vibrante das cores e as pinceladas enérgicas de Van Gogh são propriedades que também foram exploradas com as crianças. Ao incentivá-los no processo de ver a pintura em todas as suas nuances, explorando não apenas a técnica, mas também suas próprias interpretações emocionais a respeito da obra, identifiquei que eles traziam suas próprias narrativas no processo de construção de sentidos.

Apresentei duas perguntas norteadoras para que os guiasse no processo de observação da obra:

1- O que vocês observam na obra (cores, formas, texturas)?

M.E.<sup>5</sup>: "É muito colorido! Dá dor de cabeça olhar muito."

E. G.: "Parece que foi feito com giz de cera."

2- Como vocês se sentem ao olhar a obra?

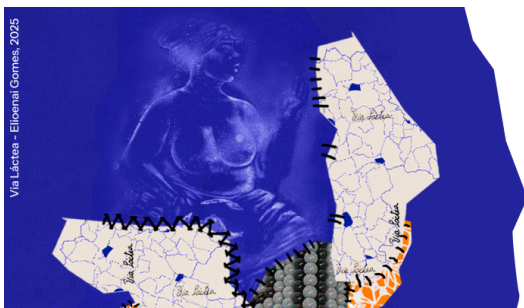
A. M.: "Parece quando eu vou no interior ver meu avô, a gente fica olhando pra o céu, mas lá não tem tanta luz."

A. L.: "Eu sinto alegria por que tá tudo colorido!"

---

<sup>5</sup> A identidade dos estudantes foi protegida colocando apenas suas iniciais para identificá-los.





A Noite Estrelada foi uma excelente ferramenta para promover a discussão sobre a importância da observação do mundo. Incentivar as crianças a observarem o céu, as estrelas e a relembrares momentos que vivenciaram antes, estimulou a curiosidade e a criatividade deles. A partir dessas observações, elas criaram suas próprias interpretações, rememorando a abordagem de Van Gogh, que mesclava o que via com suas emoções e vivências. Nesta aula, também discutimos sobre saúde mental e mesmo eles sendo crianças, trouxeram diversas percepções únicas e relatos pessoais. Essas trocas possibilitam compreendê-los melhor. Segundo Salles:

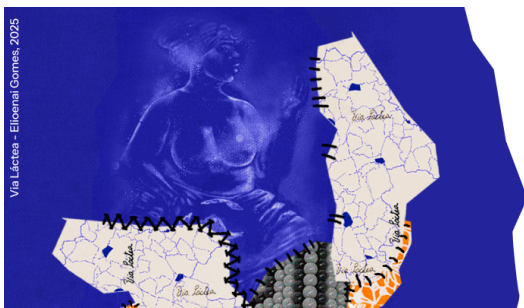
A criação artística é marcada por sua dinamicidade que nos põe, portanto, em contato com um ambiente que se caracteriza pela flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade. [...] Uma memória criadora em ação que também deve ser vista nessa perspectiva da mobilidade: não como um local de armazenamento de informações, mas um processo dinâmico que se modifica com o tempo (Salles, 2006, p. 12).

## 2.2. PAREDE DE MEMÓRIAS DE ROSANA PAULINO

A obra Parede de Memórias, da artista Rosana Paulino, é um importante marco no campo da arte contemporânea brasileira, especialmente no que diz respeito à representação e valorização da cultura negra. Através de uma instalação que combina elementos visuais e narrativos, Paulino propõe uma reflexão profunda sobre a identidade, a memória e a ancestralidade, criando um espaço onde crianças, em especial as negras, podem se reconhecer e se sentir pertencentes.

A obra é composta por uma série de painéis que trazem imagens e histórias que remetem às vivências da população negra no Brasil. Ao apresentar essas memórias, Paulino não apenas resgata a história muitas vezes silenciada, mas também oferece um reflexo que permite que as crianças negras vejam suas próprias experiências e raízes representadas. Essa representação é crucial para a formação da identidade, pois contribui para que essas crianças se sintam valorizadas e reconhecidas em um contexto social que, frequentemente, marginaliza suas histórias.

Apresentar essa obra de arte para as crianças foi de fundamental importância no processo de reconhecimento de suas identidades, bem como na possibilidade de



se verem refletidos em uma obra de arte. Durante o processo surgiram apontamentos muito significativos, feito por eles, acerca da instalação de Paulino:

A. L.: “Tia, parece as fotos que tem na casa do meu avô. Não sabia que dava pra fazer arte com isso”.

C. J.: “A minha avó também faz isso! Ela fica costurando paninho, por isso o meu tem o meu nome. Vou dizer pra ela colocar nosso rosto também da próxima vez”.

W. F.: “Essa moça aí de cabelo preso, parece com a minha tia!”

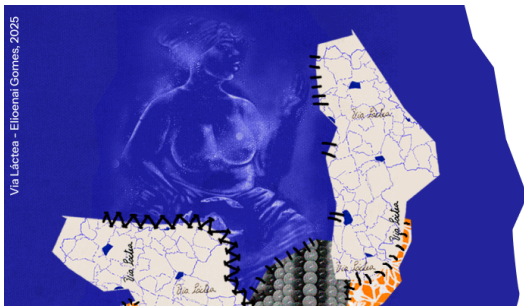
### 2.3. PARANGOLÉS DE HÉLIO OITICICA

Os Parangolés de Hélio Oiticica representam uma das mais significativas contribuições à arte contemporânea, ao desafiá-la a ir além dos limites tradicionais da pintura e da escultura. Criados na década de 1960, esses objetos artísticos não são meramente esculturas ou vestimentas, trata-se de estruturas que demandam a participação ativa do corpo humano para que sua essência se revele plenamente. Os Parangolés estabelecem um diálogo intrínseco entre o espectador e a obra, enfatizando a corporalidade como elemento fundamental na experiência estética.

Após observarem a obra de Oiticica, levei os alunos a ocuparem outro espaço da escola, local onde fica o refeitório. Foram distribuídas duas folhas grandes de papel, onde as crianças foram convidadas a construir um desenho coletivo onde deveriam desenhar tudo o que haviam aprendido nas últimas aulas.

Convidar os alunos a ver e compreender a obra de arte como algo que, não apenas se pode tocar, mas, principalmente, fundir-se com seus próprios corpos, ampliou a percepção das crianças a respeito das possibilidades da arte, o que colaborou para o processo de desenvolvimento das performances que seriam realizados por eles.

### 2.4. EXPERIENCIAR: PERFORMANCE 1 - DINÂMICA DO ESPELHO



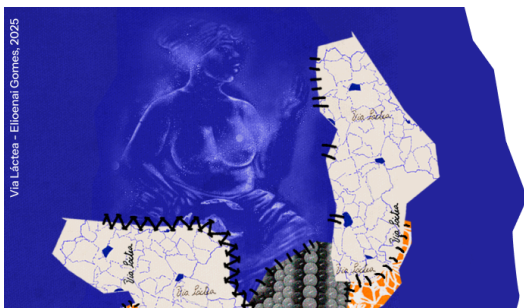
Na performance do espelho a intenção era fazer com que as crianças explorassem movimentos e compreendessem a dinâmica de interação e observação de seus corpos e dos colegas. Dividi-os em duplas e solicitei que cada integrante da dupla ficasse de frente um para o outro. A atividade foi dividida em dois momentos. Momento 1, onde o integrante A da dupla iria sugerir os movimentos, e o integrante B, iria reproduzir esses mesmos movimentos, como se, de fato, estivesse na frente de um espelho. Na performance do espelho, o objetivo era incentivar as crianças a explorarem movimentos e compreender a dinâmica de interação e observação de seus próprios corpos e dos colegas.

A atividade proposta é uma excelente abordagem para o desenvolvimento motor e social das crianças. Ao dividir os participantes em duplas, você permite que cada uma delas não só explore sua própria capacidade de movimento, mas também desenvolva a habilidade de observar e imitar.

Esses momentos de interação são cruciais para a aprendizagem, pois incentivam a comunicação e o trabalho em equipe. Além disso, a dinâmica de espelhamento promove uma consciência corporal importante, ajudando as crianças a entenderem melhor seu espaço e a relação com os outros. O fato de um integrante sugerir os movimentos e o outro reproduzir não apenas estimula a criatividade, como também a empatia, ao reconhecer as ideias e as ações do colega. É uma prática enriquecedora que, sem dúvida, traz benefícios para o desenvolvimento integral dos alunos.

**Figura 1** – Ilustração das ações desenvolvidas em sala



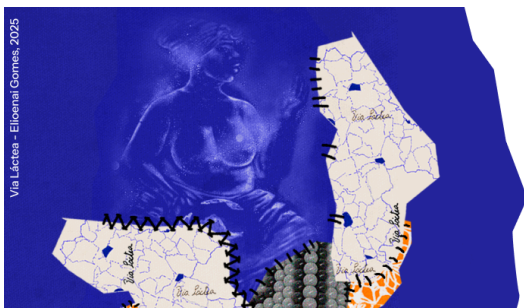


Fonte: A autora.

## 2. 5. PERFORMANCE 2 – DINÂMICA DAS VENDAS

No contexto educativo, a experiência lúdica pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas nas crianças. Recentemente, propus uma performance com vendas que consistiu em dois momentos distintos, ambos projetados para promover a colaboração e a comunicação entre os alunos.

No primeiro momento, dividimos a turma em dois grandes grupos devido à limitação de espaço na sala de aula. O grupo 1 foi o primeiro a participar, enquanto o grupo 2 se organizou em duplas para aguardar sua vez. Nesse exercício inicial, cada dupla escolheu voluntariamente um integrante a ser vendado. A criança vendada foi cuidadosamente conduzida por sua dupla, que tinha a responsabilidade de guiá-la pelo espaço, evitando obstáculos como cadeiras e mesas. Este cuidado foi

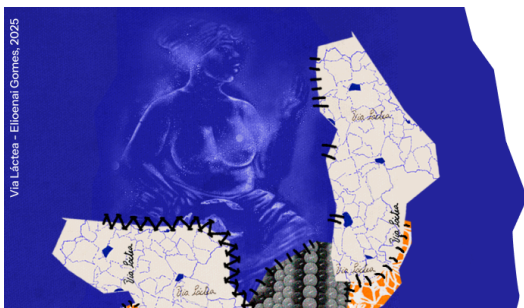


ênfatisado, pois o ambiente contava com outras duplas em movimento, o que exigia atenção e respeito ao espaço dos colegas. O segundo momento consistiu na troca de papéis: a criança que havia sido vendada agora teve a oportunidade de conduzir, enquanto seu parceiro passava a estar vendado. Essa mudança de posições permitiu que todos os alunos vivenciassem ambos os papéis, promovendo uma maior empatia e compreensão das dificuldades enfrentadas por seus colegas.

Ao final da ação, pedi que os alunos compartilhassem suas experiências. Os relatos foram enriquecedores, revelando a importância da confiança e da comunicação. Os alunos expressaram não apenas seus desafios durante o jogo, mas também a satisfação em colaborar e ajudar o colega durante o percurso. Em suma, a atividade desenvolveu habilidades essenciais, como a empatia, o cuidado e a colaboração, evidenciando que o lúdico na educação pode ser um poderoso aliado na formação integral das crianças.

## 2.6. PERFORMANCE 3 – DINÂMICA DOS BALÕES

Na última performance conduzida, o foco da atividade foi a interação das crianças com balões, proporcionando uma experiência lúdica e educativa. Cada participante recebeu um balão, momento que serviu como introdução ao tema da personalização e expressão individual. Pedi que cada criança enchesse seu balão, uma tarefa que estimula a coordenação motora e a autonomia. Em seguida, a atividade evoluiu para a parte criativa, na qual cada criança teve a oportunidade de desenhar em seu balão, imprimindo suas próprias características e personalidades. Esse ato de personalização promove não apenas a criatividade, mas também o desenvolvimento da autoimagem e da individualidade. Por fim, conduzi a performance com os balões por meio de orientações precisas, onde as crianças deveriam tocá-los utilizando diferentes partes do corpo, conforme eu indicava. Essa dinâmica não apenas garantiu um aspecto lúdico, mas também estimulou a percepção corporal e a capacidade de seguir instruções, estabelecendo uma comunicação clara entre o grupo.



Em suma, a atividade com balões não só proporcionou alegria e diversão, mas também contribuiu para o desenvolvimento motor, cognitivo e social das crianças, de forma integrada e inovadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida no contexto de pós pandemia, de modo que o modo de ser/estar em sala de aula se modificou completamente. Os alunos da turma onde essa pesquisa foi desenvolvida tiveram suas primeiras experiências na escola (visto que são os alunos do 1º ano do ensino fundamental), nesse ambiente onde o toque e a aproximação são suprimidos.

A escolha de desenvolver ações em que o tocar, sentir, ouvir, experienciar estivessem presentes, foi por vezes desafiador, pensando que esses alunos não estavam acostumados e levavam tempo para se conectarem e participarem das ações. Por vezes, alguns se recusaram a participar de uma ação e sentados ficavam observando os outros colegas. Logo em seguida pediam para fazer parte. Em todos os momentos respeitei os aceites e as recusas, entendendo que tudo fazia parte do processo.

Pensar na produção de aulas que tragam ações de interação, não só corporais, mas emocionais, poéticas e artísticas é um ato desafiador. As ações de performance desenvolvidas que estão relatadas nesse artigo, visam expandir o modo como se produz performance, de modo a possibilitar cada vez mais o acesso de crianças nessa linguagem artística.

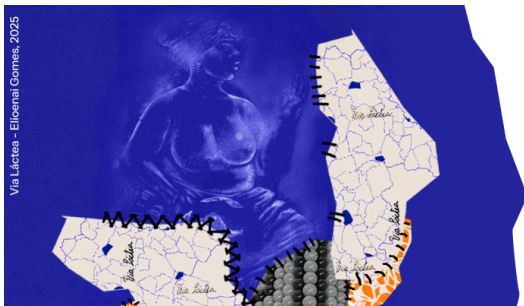
## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDÌA LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 19, p. 20-28, 2002.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2002.



DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ECO, Umberto. *Os limites da Interpretação*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MACHADO, Regina Stela. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. *Vence Demanda: educação e descolonização*. São Paulo: Mórula, 2021.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Ética e competência*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SALLES, Cecília Almeida. *O gesto inacabado – processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da Criação: Construção da Obra de Arte*. São Paulo: Horizonte, 2006.